

A PRODUÇÃO DE MAPAS CARTOGRÁFICOS COM RELAÇÃO À ÉTICA NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAY

Vanessa Forneck¹
Laís Becker Ferreira²
Eduardo Rocha³
Flávio Almansa Baumbach⁴
Valentina Machado⁵
Bianca Ramires Soares⁶

Resumo

Os mapas sempre estiveram presentes em nossas vidas, utilizados para orientar, guiar ou ainda numa tentativa exploratória de um novo território. Com o cenário cada vez mais complexo e heterogêneo das cidades contemporâneas, entra a necessidade da criação de novos mapas, ou melhor, de anti-mapas. A cartografia urbana como método investiga particularidades diversas difíceis de retratar na cartografia tradicional, procura registrar a subjetividade de um espaço, de que maneira ele é ocupado, por quem, como ele é explorado. Deste modo, buscou-se retratar as percepções que mais se aproximam da realidade nas cidades-gêmeas da linha de fronteira Brasil – Urugua. Analisando os mapas gerados, pode ser observada a multiplicidade, diferenciação e heterogeneidade de cada cidade, contribuindo para o desenvolvimento de ações e políticas públicas que visem a qualificação urbana destes espaços comuns aos dois países.

Palavras-chave: cartografia, fronteira, travessia, ética, espaço público.

Abstract

Maps have always been present in our lives, used to guide and also as an exploratory attempt of a new territory. With the increasingly complex and heterogeneous scenario of contemporary cities, there is a need to create new maps, or rather anti-maps. Urban cartography as a method investigates diverse features difficult to portray in traditional cartography, seeks to record the subjectivity of a space, in what way it is occupied, by whom, how it is explored. Thereby, an attempt was made to depict the perceptions which are closer to reality in the twin cities of the Brazil - Uruguay border line. Analyzing the

1 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: vanessaforneck@yahoo.com.br

2 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Foi bolsista do programa Ciências sem Fronteiras (CAPES), fazendo sua mobilidade acadêmica na University of Limerick, Irlanda (2015-2016). Técnica em Edificações formada pelo Instituto Federal Sul-rio-grandense Campus Pelotas (2013). Atualmente, é bolsista do Laboratório de Urbanismo (LabUrb) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. E-mail: lais.bfer@gmail.com

3 Arquiteto e Urbanista (CAU/UCPel, 1997), Especialista em Patrimônio Cultural (IAD/UFPel, 1999), Mestre em Educação (FaE/UFPel, 2003) e Doutor em Arquitetura (PROPAR/UFRGS, 2010). Atualmente, é professor adjunto no Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAUrb), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb), da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). E-mail: amigodudu@yahoo.com.br

4 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da UFPel. Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas (2018).

5 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU) da UFPel. Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Pelotas (2018).

6 Graduanda do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

maps produced, it is possible to observe the multiplicity, differentiation and heterogeneity of each city, contributing to the development of actions and public policies aimed at the urban qualification of these spaces common to both countries.

Keywords: cartography, frontier, crossing, ethics, public space.

Introdução

O ensaio busca enaltecer e divulgar novas estratégias de apreensão do espaço urbano contemporâneo, compreendendo as dificuldades enfrentadas por Arquitetos e Urbanistas em expressar, tanto ética como esteticamente, a multiplicidade e heterogeneidade dos fenômenos urbanos. As pesquisas no campo da Arquitetura e Urbanismo enfrentam muitos desafios ao tentar “representar a realidade” no intuito de interpretar, planejar ou intervir em contextos urbanos. O processo de captura envolve inúmeros fatores, uma vez que a cidade é constituída tanto de elementos técnicos (físicos) como relacionais (humanos). Não se pode negar que a crescente evolução da tecnologia facilite a sistematização dos dados, com softwares cada vez mais avançados, no entanto, questiona-se a aplicabilidade e relevância de informações que podem ocasionar em comunicações incompletas, tendenciosas ou que lesem a construção ética.

Em uma recente investigação sobre o uso/ocupação dos espaços públicos na linha de fronteira das cidades-gêmeas da Fronteira Brasil-Uruguay (Chuí-Chuy, Jaguarão-Rio Branco, Aceguá-Aceguá, Santana do Livramento-Rivera, Barra do Quaraí-Bella Unión e Quaraí-Artigas)⁷, foi necessário repensar as metodologias e procedimentos metodológicos que possibilitassem abraçar a complexidade deste território. As fronteiras, em um contexto latinoamericano, e principalmente, brasileiro, enfrentam o paradoxo entre o abandono do Estado – tanto financeiro como político - e a complementariedade (às vezes, sobrevivência) e desejo de integração com o país vizinho. Atentando ao fato de que as informações coletadas na fronteira correspondem ao “Território de Segurança Nacional”, ou seja, é preciso cautela em quais dados serão divulgados para que não comprometam a vida urbana e/ou prejudiquem acordos políticos internacionais, novamente envolvendo questões de cunho ético.

Apresentado o cenário, o grupo de pesquisa optou pelo método da cartografia urbana, amparado pelos procedimentos: da pedagogia da viagem, entrevista de manejo cartográfico, autofotografia, produção de vídeos e mapas cartográficos. Sendo este último o destaque e dedicação do presente artigo.

A produção dos mapas é uma linguagem bastante difundida no meio acadêmico e profissional dos Arquitetos e Urbanistas. Desde a leitura e compreensão de determinado contexto urbano até a produção de novos mapas para enfatizar, comprovar, analisar dados urbanísticos ou mesmo usos, atividades e desenvolvimento de uma área específica. No entanto, é preciso cautela no manuseio de algumas informações, pois os mesmos mapas que pontuam dados de uso do solo, podem identificar também áreas de ocupação irregular ou registrar atividades comerciais ilegais, ou seja, mapas que podem denunciar ou prejudicar situações de vulnerabilidade social, dependendo de quem tem o domínio desta informação. Por esses motivos é preciso questionar: Para quem e por que se produz os mapas? Qual a intenção da pesquisa, a quem

7 Projeto de pesquisa realizado no Laboratório de Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas, intitulado como “Travessias na linha de fronteira Brasil - Uruguay: controvérsias e mediações no espaço público de cidades-gêmeas”, financiado pela FAPERGS, tendo iniciado os trabalhos em março de 2018 com prazo até março de 2021, sob coordenação do prof. Dr. Eduardo Rocha.

deseja atingir?

A pesquisa em questão quer entender os acontecimentos no espaço público da linha de fronteira Brasil-Uruguay. Quem ocupa esse espaço? Quais são os principais usos nos lugares públicos? Como é a vida urbana nos parques, largos, avenidas, que fazem parte de uma fronteira? Ao percorrer a linha de fronteira Brasil-Uruguay, há diferença ou semelhança entre as cidades-gêmeas? Teria este espaço público fronteiro alguma diferenciação/potência de outros espaços públicos de cidades não-fronteiriças?

A produção destes mapas acontece na própria imersão e experiência corporal deste espaço urbano. O método da cartografia urbana pensa o espaço público como produtor de subjetividades sempre em processo, utilizando análises da morfologia urbana, das análises de conteúdo e da própria cartografia para produzir mapas mais sensíveis e próximos da vivência local. Mapas que não têm a intenção de abarcar a totalidade dos eventos, mas que percebem a potencialidade e a vida urbana nas microrressitências cotidianas, gerando novas pistas.

Com isso, a pesquisa propõe um estudo sobre a linha de Fronteira Brasil-Uruguay, aproximando as teorias do urbanismo contemporâneo e da filosofia da diferença. O mapa da filosofia é a análise teórica da sobreposição dos mapas morfológicos e cartográficos, e busca através de um relato sensível da caminhada, atravessar fronteiras e estabelecer um território do meio, dos devires, das diferenças e das intensidades (RESENDE, 2018). Aqui entra a importância da caminhada como fator determinante no processo, o ato de caminhar é estar atento, receptivo a subjetividades. O antropólogo britânico Tim Ingold (2005) estabelece a relação do sujeito com o ambiente, onde a construção do conhecimento acontece a partir de práticas cotidianas locais. Estabelece-se nesse instante a bagagem e vivência trazida pelos sujeitos (arquitetos e urbanistas) que caminham pela cidade. Mapear, relatar, explorar esses espaços de acordo com a própria percepção do ambiente, imersos no território, onde se estabelecem questões éticas e políticas que são evidenciadas em cada mapa elaborado pelo caminhante errante.

Portanto, ao pensar em projetos que contemplem os espaços públicos da linha de fronteira, devem ser respeitadas as singularidades de cada território, cultura, história, costumes. Cabe aos órgãos públicos agirem conforme a ética profissional, refletindo especificamente a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social.

Cartografia urbana: o método

A essência da palavra cartografia faz referência a mapas. São técnicas de representação de um espaço ou território, com a proposta de comunicar uma informação. Para John Brian Harley (1991) o desejo de demonstrar o espaço através de mapas sempre esteve presente na mente humana. Tradicionalmente conhecemos mapas físicos, que representam as formas do território: topografia, rios, montanhas, conhecemos também os mapas políticos, que indicam a divisão administrativa de continentes, países e estados e, ainda, os mapas temáticos que mostram elementos ou fenômenos específicos: mapa linguístico, religioso, climático, etc.

Os mapas como os conhecemos – porém – não representam todos os aspectos do território, pois existem particularidades diversas difíceis de retratar na cartografia tradicional. Desde a década de 60, os filósofos Deleuze e Guattari buscam identificar as particularidades dos diferentes aspectos presentes no território. Segundo os autores citados, o mapa é aberto a todo tipo de manipulações, “pode ser rasgado, revertido,

adaptar-se a montagens de qualquer natureza ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social” (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 21).

Devido as inúmeras possibilidades metodológicas, a cartografia também não possui regras ou um manual de como deve ser realizada. A singularidade dos processos de subjetivação, as experiências, cada indivíduo e cada pesquisa são únicos, o que torna a cartografia adaptável para cada caso (RESENDE, 2018). Dentre os diferentes nomes que a cartografia ganha, pode-se ressaltar a cartografia urbana (o corpo que inscreve as invisibilidades da cidade), a cartografia social (mapeamento comunitário), cartografia do desejo (trata as subjetividades micropolíticas), a cartografia da filosofia (entendida como um processo de produção da subjetividade que rompe com as representações), cartografia sentimental (captura da sensibilidade do cartógrafo antropófago), dentre outras (RESENDE, 2018). Nesta proposta, será adotada a cartografia urbana, pois a metodologia propõe uma coleta de dados que vão além das informações estatísticas no âmbito econômico, populacional, habitacional.

É importante ressaltar que a subjetividade é aqui entendida como um processo de produção coletiva, mediante aos diversos encontros e travessias a que estamos submetidos, e não atrelado a um conceito de individualidade ou posse. Félix Guattari e Suely Rolnik (1996) nos esclarece que a subjetividade pode ser percebida pela afecção, ou reação de nossos corpos ao ser atravessado por inúmeras situações, seja no campo social, psíquico, natural, entre outros, por isso sempre coletivo. E mediante a estes componentes subjetivos em constante transformação criamos novas maneiras de compreender, situar e agir em um contexto social.

A metodologia da cartografia urbana, segundo Rocha (2008) é uma forma exploratória das sensações, dos sentimentos e dos desejos que fluem e escorrem na cidade contemporânea. A cartografia não se configura como um método tradicional, é um método do anti-método, um método dinâmico, composto por infinitas linhas que se cruzam, de dobras, desdobras, de territórios e “desterritórios”.

Podem ser construídos mapas que nos falem de cidades não visíveis, mapas que mostrem como as pessoas vivem aquele espaço, dos caminhos percorridos, dos eventos, dos usos dos espaços públicos, experiências e sensações que os lugares proporcionam. A intenção é gerar mapas qualitativos, não importando a quantidade de mapas construídos ou informações absorvidas, mas as experiências subjetivas que os compõe.

A cartografia urbana compreende mais que sua forma de representação gráfica e bidimensional do espaço físico, ela é um modo de agir sobre a realidade (ROCHA, 2008). É um mapa que enfrenta com o que é real, estático, definido ou preestabelecido. Rompem-se os paradigmas, a cartografia passa a ser entendida como um mapa vivido, com inter-relações múltiplas, mutáveis e que compartilham de um quadro atemporal (KOOLHAAS, 2000).

Com base na geração dos mapas cartográficos, podem ser analisados os resultados a partir de sobreposições das informações, sejam elas realizadas por cidades, cidades-gêmeas, países, temas e/ou abordagens que sejam pertinentes. Pretende-se por meio do mapeamento dos fenômenos urbanos próprios da contemporaneidade, compreender esses espaços na sua complexidade e contribuir para o desenvolvimento políticas públicas que busquem qualificar os espaços urbanos comuns aos dois países.

A viagem

Um dos procedimentos metodológicos aplicados na pesquisa é a pedagogia da viagem, que tem como proposta ir a campo, gerar descobertas e experimentações rumo a acontecimentos imprevisíveis. A pedagogia da viagem acontece pelo universo do desconhecido, ainda que se saiba para onde está indo viajar, pois existe um roteiro das cidades a serem visitadas, deve-se apontar novos e diversos caminhos a serem percorridos pelas cidades. Em cada trajeto/lugar podem ser percebidos acontecimentos presentes somente naquele momento, e ainda passar por constatações que muitas vezes já estava ali, porém ocultas (ROCHA, 2016).

Segundo Careri (2009), o ato da caminhada propõe uma inovação no processo metodológico, onde busca a experiência da caminhada pelos espaços públicos contemporâneos. É a caminhada pelas frestas, nos entre lugares da cidade, disposto a atravessar os muros, barreiras, fronteiras, atentar o que visível e invisível nos lugares “não turísticos”. A partir da caminhada, pode ser descoberto o novo, o inusitado, a criação de sentidos e emoções. Podemos dividir em três momentos a caminhada: a travessia (o percurso a ser caminhado); a linha (o rastro marcado pelo trajeto); e o relato (a narrativa do trajeto caminhado) (RESENDE, 2018).

As cidades gêmeas Brasil – Uruguay

Com o roteiro definido das cidades a serem estudadas, pode-se destacar que a fronteira Brasil-Uruguay possui 985 km de extensão, iniciando na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Uruguai até a foz do Arroio Chuí (figura 01). Dessa fronteira, fazem parte 6 cidades-gêmeas:

1. Chuí (BR) – Chuy (UY): possuem juntas 16.320 habitantes e a linha de fronteira dá-se numa avenida comum às duas cidades;
2. Jaguarão (BR) – Rio Branco (UY): nesse caso, a Ponte Internacional Mauá faz a ligação entre as duas cidades, que unidas possuem uma população aproximada de 41.398 habitantes;
3. Aceguá (BR) – Acegua (UY): essas cidades-gêmeas possuem a menor população dessa fronteira, com 5.887 habitantes;
4. Santana do Livramento (BR) – Rivera (UY): consistem nas maiores cidades da fronteira Brasil – Uruguay, possuindo juntas uma população de 146.939 habitantes e sendo separadas por uma avenida em comum;
5. Quaraí (BR) – Artigas (UY): as cidades de 67.021 habitantes são ligadas pela Ponte Internacional da Concórdia sobre o Rio Quaraí;
6. Barra do Quaraí (BR) – Bella Unión (UY): juntas possuem 17.208 habitantes e são unidas por uma ponte internacional.

A viagem pela fronteira e o mapeamento cartográfico

Durante os dias 24 de agosto de 2018 a 02 de setembro de 2018, foi realizada “A viagem pela linha de fronteira Brasil-Uruguay”. Com o intuito de aproximar os pesquisadores do campo da pesquisa, coletar dados e intervir nos espaços públicos; o grupo de 15 viajantes (entre pesquisadores, professores, bolsistas e colaboradores) partiu em uma viagem contínua pelas 12 cidades que fazem da fronteira entre Brasil e Uruguay.

Mapas dos eixos viários das 6 cidades-gêmeas foram distribuídos a todos os viajantes, para auxiliar o mapeamento cartográfico. Em todas as cidades visitadas, atravessou-se a linha de fronteira (figura 02), reparando a cidade e seus espaços públicos, espiando, observando, sentindo a vida que passa pela rua, praça ou vazio urbano. Nesse caso, os autores dos mapas (usuários, turistas, planejadores, artistas, arquitetos, etc.)



Figura 01 - Trajeto da viagem realizada pelas cidades-gêmeas da fronteira Brasil - Uruguay. Fonte: Google Maps, com edição dos autores (2018).



Figura 02 - Travessia realizada na linha de fronteira Chuí-Chuy. Fonte: dos autores (2018).

são sujeitos ativos nessa comunicação cartográfica, uma vez que cada anotação ou desenho representa as percepções únicas de cada indivíduo-viajante.

Possuindo um caráter qualitativo, a pesquisa não considera importante o número de mapas gerados ou número de informações absorvidas. Foi oferecida uma certa liberdade aos participantes, para que anotassem - em forma de texto, desenhos, imagens, colagens, etc. - aquilo que fora interessante na percepção de cada um. A criação desses mapas deixa marcas e rastros (cartografias urbanas) que nos permitem observar uma nova perspectiva sobre a cidade na contemporaneidade (DELEUZE & GUATTARI, 1995; JACQUES & JEUDY, 2006; CARERI, 2009).

No mapa de Barra do Quaraí – Bella Union produzido por uma das viajantes (figura 03), as observações de certa forma poéticas retratam os momentos de travessia. Indicações subjetivas do que foi marcante naquela experiência, como a forte chuva ao atravessar a ponte internacional. As linhas desenhadas perpendicularmente à linha da ponte, indicando o rompimento do que é contínuo - a linha da travessia - comprida, cercada de água, necessitando interrupções no percurso, a fim de quebrar essa fronteira que estava distante, percurso longo, cercado por água, sob chuva forte e sensações diversas em cada etapa/quebra do trajeto percorrido.

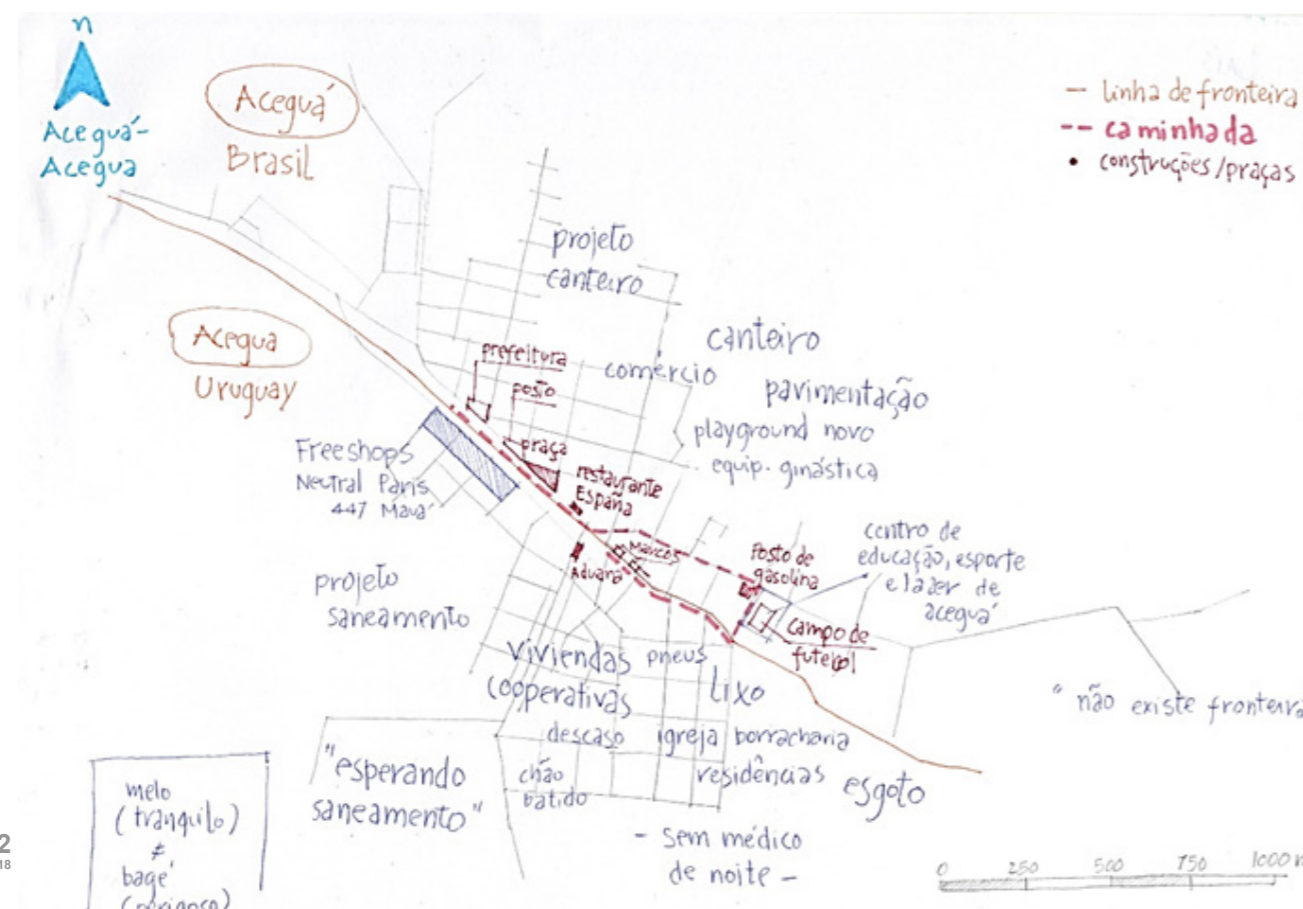
Figura 03 – Mapa produzido a partir da travessia Barra do Quaraí - Bella Union. Fonte: Mapa elaborado por Carolina Clasen (2018).



Ainda pode ser observado o modo de representação da cartógrafa no mapa da figura 03. Os detalhes são feitos através de linhas, desenho reticulado, mostrando o percurso percorrido e apontando o que não foi visto na malha urbana de Bella Unión. A autora do mapa, artista, prefere relatar por meio das palavras o processo da travessia, onde a experiência é marcada através da sensação de “inundação”, “mergulho”.

No mapa produzido por outra viajante nas cidades Aceguá e Acegua (figura 04), observa-se a utilização de textos, palavras-chave e a localização de algumas edificações e praças. Além disso, são descritas certas frases ouvidas por moradores locais, como “não existe fronteira” e Acegua ainda “espera por saneamento básico”.

Figura 04 – Mapa produzido a partir da travessia Aceguá - Acegua. Fonte: Mapa elaborado por Lais Becker Ferreira (2018).



O mapa da figura 04, produzida por uma estudante de Arquitetura e Urbanismo, apresenta detalhes mais pontuais das cidades-gêmeas. Como por exemplo: um campinho de futebol, playground, mobiliário urbano, infraestrutura do local (esgoto, lixo, chão batido). Foi necessário a indicação do Norte no desenho, saber em que lado da fronteira estava, delimitando com uma linha vermelha os dois países. Há um percurso marcado da travessia, mas as informações se sobressaem, fogem da linha de fronteira, perpassam as bordas, o desconhecido, além do ponto de “atração” dos free shops.

Pistas da cartografia urbana na fronteira

Em momento pós-viagem, foi realizada a sistematização dos materiais coletados. Os mapas de cada viajante geraram diferentes produções de subjetividade e serviram de apoio para a produção de novos mapas (textuais, fotográficos, colagens, iconográficos, etc.).

A análise dos mapas gerados nos permite estabelecer diversas relações: entre as cidades-gêmeas, entre as cidades brasileiras e uruguaias, entre as cidades de fronteira seca e de fronteira molhada, entre os países, etc. É possível analisar tanto os aspectos gerais como a morfologia, os espaços públicos e suas ocupações, a coesão ou separação entre as cidades; quanto aspectos específicos, tais como o mobiliário, o aparato publicitário e a tipologia arquitetônica.

As cidades de fronteira molhada (Jaguarão-Rio Branco, Quaraí-Artigas e Barra do Quaraí-Bella Union) apresentam uma certa segregação/separação, reforçada por essa sensação de linha de fronteira, uma vez que os rios contribuem para essa visualização. Não há uma interação perceptível entre os dois países, muitas vezes a travessia pelos moradores era feita por motivos comerciais e econômicos (trabalho), não observadas as relações na forma de convívio social. Já nas cidades de fronteira seca (Chuí-Chuy, Aceguá-Acegua e Santana do Livramento-Rivera), percebe-se uma maior homogeneidade e coesão cultural, social e linguística. A ideia de barreira é dissolvida e muitas vezes se perde em meio ao caminhar. A experiência da caminhada nas cidades de fronteira seca, causa a sensação de estarmos no mesmo lugar, na mesma cidade. Os moradores vêem as cidades como uma só, as crianças moram no Brasil e estudam no Uruguai, os moradores uruguaios utilizam os serviços no lado brasileiro. A vida, a rotina, o lazer acontece em conjunto nos dois territórios.

Apesar das similaridades, nas cidades-gêmeas de um mesmo grupo (fronteira seca/molhada) também se percebem diferenças. Portanto, nesse estudo utilizaremos o exemplo de duas cidades-gêmeas de fronteira seca: Chuí-Chuy e Santana do Livramento-Rivera. Além desse caso, também será feita a análise comparativa das cidades Quaraí-Artigas.

O caso de Chuí-Chuy e Santana do Livramento-Rivera

Chuí (BR) e Chuy (UY) são divididas/unidas por uma avenida internacional: no Brasil ela recebe o nome de Avenida Uruguay, enquanto que no lado uruguaio ela recebe o nome de Avenida Brasil. As duas cidades possuem uma população de 16.320 habitantes. Nesse caso, a linha de fronteira é uma linha reta, perceptível, fácil de identificar. Os free shops, que geram emprego e atraem turistas, tem grande importância na economia dessas cidades e localizam-se na avenida internacional, justo em frente à linha de fronteira.

Santana do Livramento (BR) e Rivera (UY) apesar de consistirem também em uma

Considerações finais

Somo todos protagonistas desta experiência: como viajantes, cartógrafos, pesquisadores, sensíveis e atentos aos diferentes acontecimentos na região fronteira. Em cada instante, se captura alguma sensação, algum olhar, gesto ou palavra que somados compõe um mapa, com significados diversos, individuais e/ou coletivos da travessia. É através das ações territoriais que são constituídas narrativas visuais e literárias, fotomontagens, registros, produção gráfica e audiovisual. Desta maneira, os mapas gerados podem ser sobrepostos, confrontando e evidenciando a morfologia (mapa objetivo) e o cotidiano (mapa subjetivo), criando assim novas formas e concepções de uma cidade.

Deixar-se permitir, ver, ouvir, vivenciar é se entregar às experiências que a cidade proporciona. Segundo o autor François Zourabichvili (2004) - que analisa o vocabulário de Deleuze sobre linha de fuga - busca-se uma desconstrução de olhares, uma desorganização ou “desterritorialização” do espaço, esses vetores são designados como linhas de fuga. O autor ainda afirma que o sentido da palavra fugir não significa absolutamente renunciar às ações (fugir, escapar, esquivar de alguém ou compromisso). Fugir é o contrário do imaginário, é fazer fugir algo, fazer fugir um sistema, é traçar uma linha, ou linhas, é toda uma cartografia. É criar novos espaços-tempos, de agenciamentos, no percurso de um processo desejante (ZOURABICHVILI, 2004).

Por fim, esta proposta de cartografia urbana busca orientar e incentivar a produção de novos instrumentos de concepção de projetos. Pretende-se disponibilizar os dados coletados em uma plataforma online de fácil acesso para as prefeituras, intendências das cidades fronteiriças, órgãos e instituições interessadas, além de contribuir para outras pesquisas na região. Neste momento, cabe aos pesquisadores/autores da pesquisa a cautela na divulgação de alguns materiais, por exemplo, em relação a trechos de vídeos e entrevistas realizadas com moradores e entidades públicas, respeitando a integridade dos participantes. Espera-se que essa produção auxilie a tornar as zonas fronteiriças alvo de ações do Estado e de programas de desenvolvimento integrados. Retomando um fator determinante nesse aspecto em relação a ética profissional e moral dos autores da pesquisa, onde a intenção dos estudos realizados e materiais a serem disponibilizados, sirva em prol dos moradores das cidades-gêmeas. E que as futuras políticas públicas respeitem e valorizem as singularidades de cada região, potencializando as estratégias e introduzindo modificações substantivas nos processos de projeto em arquitetura e urbanismo.

Referências bibliográficas

CARERI, F. *Walkscapes: el andar como practica estetica*. Barcelona: Gustavo Gili, 2009.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1995.

GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolíticas: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

HARLEY, John B. *A nova história da cartografia*. O Correio da UNESCO – Mapas e cartógrafos. Edição em português, 19 (08). São Paulo: FGV, 1991.

INGOLD, Tim. *Jornada ao longo de um caminho de vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação*. *Religião e Sociedade*, v.25, n.1, 2005, p. 76-110.

JACQUES, Paola Berenstein & JEUDY, Henri Pierre. *Corpos e Cenários Urbanos: territórios urbanos e políticas culturais*. Salvador: EDUFBA, 2006

KOOLHAAS, R. e outros (2000). *Mutaciones*. Barcelona, Actar.

RESENDE, Lorena Maia. *Cartografia urbana na linha de fronteira: Travessias nas cidades-gêmeas Brasil-Uruguay*. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas - Qualificação de mestrado, 2018.

ROCHA, Eduardo. *Cartografias Urbanas*. *Revista Projectare*, Pelotas, v.1, n.2, p. 163 – 173, 2008.

ROCHA, Eduardo; AZEVEDO, Laura Novo de; ALLEMAND, Débora Souto; HYPOLITO, Bárbara de Bárbara; TOMIELLO, Fernanda. *Cross-Cult: Desenho Urbano/Urban Design – Pelotas/RS e Oxford/UK*. Pelotas: UFPel, 2016.

ZOURABICHVILI, François. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução André Telles, Rio de Janeiro: Centro Interdisciplinar de Estudo em Novas Tecnologias e Informação, 2004.